



Tenente-General Aires Pereira Africano\*  
Major-General José Carlos Nunes Marques\*\*



Fotografia cedida pelo Major-General Fausto de Moraes



## Hospital Militar de Luanda Hospital Militar Principal

# 1961-1975

No processo de transição do regime colonial português para a independência dos novos países lusófonos, o Hospital Militar de Luanda (HML) pode considerar-se uma experiência singular, já que, depois da sua curta mas exemplar história no regime anterior, também veio a marcar uma posição de referência nos serviços de saúde de Angola, durante todos estes anos após a independência do país, agora, com o nome de Hospital Militar Principal/Instituto Superior.

Este trabalho é uma experiência feliz para os autores. Ambos médicos militares, olham para os hospitais militares gerais, como é o caso do hospital de Luanda e da casa da Saúde Militar, onde se tratam os militares e suas famílias, e se realizam grande parte das tarefas específicas da saúde militar e, talvez o mais importante, se dá formação e treino enquadrado ao pessoal de saúde militar, preparando-o, em ambiente adequado, para assumir as suas responsabilidades operacionais.

Em Portugal, a recolha de elementos históricos na biblioteca da Direcção de História e Cultura Militar, no Arquivo Histórico Militar e no Arquivo Geral do Exército foi frutuosa, tendo beneficiado da ajuda preciosa dos seus responsáveis e colaboradores. Uma pesquisa inicial no Arquivo Histórico Ultramarino terá, ainda, de ser continuada. Tentou-se, também, esclarecer a origem do Hospital da Caridade, em cujos terrenos se encontra o Hospital Militar de Luanda, sem se conseguir, até à data, obter elementos de informação<sup>1</sup>.

Uma pesquisa de imagens do HML permitiu-nos obter várias fotografias cedidas pelo Major-General Médico Fausto de Moraes, uma fotografia cedida pelo Dr. Leonídio Monteiro e três pequenos filmes com imagens do HML, existentes no Centro de Audiovisuais do Exército.

Os autores obtiveram uma ajuda muito especial do Major-General Médico Fausto de Moraes, antigo Director dos Serviços de Saúde do Exército, que



lhes facultou monografias pessoais, que aguardam publicação<sup>2,3</sup> e, sobretudo, lhes transmitiu pessoalmente a sua vivência de factos ocorridos, na sua primeira comissão de serviço em Angola, como Inspector do Serviço de Saúde, em 1959 e 1960 e, depois, durante a sua passagem no HML, como Subdirector, de 1971 a 1973.

Numa segunda parte deste trabalho, a publicar, os autores tencionam descrever a evolução da instituição desde 1975 até ao presente.

## Antecedentes

Em 1959, o ambiente social de Angola já continha suficientes indícios do movimento revolucionário que viria a deflagrar.

Com os elementos de que dispunha, o jovem capitão médico Fausto de Moraes, chegado nesse ano, para exercer as funções de Inspector do Serviço de Saúde, identificou a necessidade de organizar um Serviço de Saúde Militar preparado para os previsíveis acontecimentos no território.

Na organização militar desse tempo, Angola constituía a 3.<sup>a</sup> Região Militar, dispondo apenas de uma Inspeção do Serviço de Saúde Militar, sem órgãos e apoiada no sistema de saúde civil.

Apesar do seu Relatório Anual de 1959 não ter produzido quaisquer efeitos práticos e ter, inclusive, merecido o despacho “não é considerado oportuno” do próprio Presidente do Conselho de Ministros, o trabalho realizado seriamente pelo Capitão médico Fausto de Moraes viria a ser integrado no Relatório de 1960<sup>4</sup> do seu sucessor, sendo reconhecido como “muito valioso”.

Nesse relatório, é apresentada, exhaustivamente, a situação dos serviços de saúde civis, fruto do trabalho de recolha de informação do inspector anterior, e são recomendadas medidas preparatórias de pessoal, material sanitário e de farmácia. Propõe-se, ainda, a mobilização e preparação para embarcar de avião, à ordem, de equipas cirúrgicas compostas por quatro médicos (cirurgião, ajudante, anestesista e reanimador), quatro sargentos enfermeiros (dois para a sala de operações e dois para a reanimação e transfusões) e vinte primeiros-cabos ajudantes de enfermeiro.

Em Março de 1961, já depois de ter iniciado o conflito militar, seguiu para a 3.<sup>a</sup> Região Militar o 1.<sup>o</sup> Destacamento Sanitário (fazendo parte da 1.<sup>a</sup> urgência



da organização territorial da Região). Tinha a composição constante no Quadro I, num total de sete oficiais (seis médicos e um farmacêutico), oito sargentos, 13 primeiros-cabos e 22 segundos-cabos ou soldados de 3.<sup>a</sup>5.

Num estudo elaborado pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, datado de 24 de Abril de 1961, sobre a Organização do Serviço de Saúde na 3.<sup>a</sup> RM<sup>6</sup>, previa-se para uma 1.<sup>a</sup> fase, atendendo à situação, que o Serviço de Saúde em Angola tivesse a seguinte constituição:

- Chefia do Serviço de Saúde;
- um Hospital Militar de Luanda, tendo anexo uma enfermaria de Infecto-Contagiosas;
- uma Delegação do LMPQF, tendo anexo um Depósito de Material Sanitário;
- um Centro de convalescentes;
- um Destacamento Móvel de Cirurgia para as forças em operações;

Quadro I



- uma Companhia de Posto de Socorros, modificada, de modo a permitir montar enfermarias de aeródromos, numa 1.<sup>a</sup> urgência, em Negage, Toto, Maquela e Cabinda;

- uma Companhia de Auto-macas, adaptada ao transporte em auto-macas de Jeep de ¼ tonelada;

- helicópteros para transporte de feridos (directiva do Secretariado Geral da Defesa Nacional<sup>\*\*\*</sup>).

Nesse estudo, que incluía também a satisfação das necessidades de material para o Hospital, referia-se que, além do pessoal do Destacamento Sanitário (a extinguir), já presente em Luanda, era necessário ao Hospital mais o seguinte:

A enviar da Metrópole:

- 1 Capitão ou Subalterno ortopedista;
- 1 Capitão ou Subalterno de análises clínicas;
- 1 Subalterno de reanimação e transfusão;
- 1 Subalterno de estomatologia;
- 2 Subalternos de clínica geral (de preferência com Medicina Tropical);



Fonte: AHM

- 1 Sargento de sala de operações;
- 1 Sargento preparador de radiologia;
- 3 Sargentos enfermeiros;
- 2 Cabos de sala de operações;
- 1 Cabos de radiologia;
- 11 Cabos enfermeiros;
- 18 Soldados maqueiros.

Outros Serviços:

- 1 Capitão ou Subalerno do QSGE;
- 1 Subalerno do SAM;
- 1 Primeiro-Sargento amanuense do QAE;
- 2 Cabos escriturários.

A contratar localmente:

- os médicos especialistas necessários, existentes na Província (ORL, Urologia, Oftalmologia, Neurologia e Radiologia).

Era, ainda, referido que, de harmonia com anteriores directivas do Secretariado Geral da Defesa Nacional, os órgãos de execução dos Serviços a criar deveriam servir os 3 ramos das Forças Armadas.

Num relatório elaborado poucos dias depois, na Direcção do Serviço de Saúde do Exército, em 8 de Maio de 1961, e assinado pelos directores de serviço de saúde dos 3 ramos, indigita-se pessoal para satisfação do proposto no estudo anteriormente referido:

- Ortopedista Pereira da Costa, HMP;
- Analista Rui Rebelo de Andrade;
- Reanimador J.R. de Sousa Guimarães;
- Estomatologista F. A. Sousa Pinto Fernando Figueira, HMP;
- Adjunto do Chefe SS Cap Med António Graça;
- Farmacêutico Cap Rosa, LMPQF;
- Clínica Geral João Maria Esquível;
- Sargento sala de operações João Canha, HMP;
- Sargento Prep Radiologia António Catarino, HMP;

- Sargento Enf<sup>o</sup> João Maria Ventura Arroio, BTT 13;
- Sargento Enf<sup>o</sup> Manuel Fernandes Tomás Simões, BC 5;
- Sargento Enf<sup>o</sup> Álvaro Carrilho de Carvalho, AM;
- Sargento Enf<sup>o</sup> José António, EPA.

## O Hospital Militar de Luanda

Em 1 de Junho de 1961, foi inaugurado o Hospital Militar de Luanda, em instalações cedidas, a título precário, pelo Governo Geral de Angola, numa área de cerca de 8 hectares, limitada a Norte pelo arruamento que ligava a Rua Guilherme Capelo à Estrada de Catete (com cerca de 350 metros de comprimento), a Sul pela Avenida do Bairro de Alvalade (com cerca de 253 metros), a Leste pela “Estrada dos Bombeiros” (com cerca de 380 metros) e, a Oeste, confinando com a Igreja Paroquial da Sagrada Família (com cerca de 109 metros).

Nessa altura, existiam os seguintes edifícios naquele local:

- Maternidade Nova;
- Maternidade Indígena;
- Cozinha da Maternidade Indígena;
- Morgue da Maternidade Indígena;
- Dispensário do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos;
- Antigo Hospital da Caridade;
- Conjunto de edifícios do Serviço da Doença do Sono.

Tinha-se adaptado um pavilhão para servir de cozinha e refeitório geral e foram montados doze pavilhões pré-fabricados, em alumínio, e iniciada a construção de pavilhões para:

- O Serviço de Doenças Infecto-Contagiosas;





Fonte: AHM

Major Médico Alfredo Alexandre Ribeiro de Magalhães, primeiro Director do HML.

- O Depósito de Convalescentes;
- A Companhia de Comando e Serviços<sup>7</sup>.

No início de Agosto de 1961, segundo um relatório elaborado pela Enfermeira Oliveira Marques<sup>8</sup>, com a finalidade de estudar a contratação de enfermagem feminina para o Hospital, a capacidade total de internamento do HML era de 130 doentes:

- 80 doentes no edifício da Maternidade Nova, e
- 50 doentes num dos pavilhões, adaptado a enfermaria.

Prestavam cuidados de enfermagem a estes doentes

**Quadro II**

HML - 1962			
Relação do nº de médicos com o nº de doentes internados			
Serviço	médicos	doentes internados	doentes por médico
Medicina	1*	641	641
Gastrenterologia	1**	500	500
Ortopedia	2***	847	423
Neuropsiquiatria	1	247	247
Cirurgia	6	1 419	236
Dermatovenereologia	1	219	219

\* da Chefia do Serviço de Saúde, em arrolação  
 \*\* reforçada com médicos do BCa; 88 a partir de Outubro  
 \*\*\* reforçada com médicos do BCa; 109 a partir de Abril

**Quadro III**

HML - 1962		
Doenças de maior incidência em doentes internados		
	Nº casos	% do total de baixas
Fracturas	619	13,69
Apendicites	247	5,46
Neuropsiquiatria	221	4,88
Tuberculose pulmonar	143	3,16
Paludismo	119	2,63

tes, três enfermeiros e nove “estagiários”.

Mas, mercê das circunstâncias, com o rápido aumento da actividade operacional e da dimensão do contingente militar, que ultrapassou os 60000 homens na Região, o Hospital expandiu-se rapidamente.

No *Relatório da Missão Médico-Militar a Angola*<sup>9</sup>, elaborado um ano mais tarde, em Agosto de 1962, os autores (Coronel Médico João Rodrigues e Capitão Médico Rocha da Silva) começaram por afirmar que o HML era a “trave mestra” do Serviço de Saúde Militar de Angola.

Depois, admiravam-se que apesar de não ter quadros de pessoal e material adequados ao seu fim, estar instalado provisoriamente numa maternidade incompleta e ser pequeno para as necessidades, conseguira uma posição de indiscutível prestígio junto dos comandos e das forças que apoiava.

Concluía que era mais um milagre da improvisação e adaptação em que os portugueses são férteis, traduzindo também o alto nível profissional e dedicação da direcção e dos seus clínicos.

Prossegue o relatório, apontando medidas urgentes e fazendo chamadas de atenção, nomeadamente:

- a necessidade de definir uma política definitiva para o futuro do hospital, por considerarem a construção de um Hospital de raiz uma utopia, defendendo antes a adaptação das instalações existentes, com ampliação da capacidade já existente nessa altura, de 530 camas, para, pelo menos, mais 200 camas;
- a urgência de adquirir o equipamento de Radiologia, que orçava em 1300 contos e ainda não tinha sido adquirido por “má articulação dos órgãos executivos do Ministério”;

- a necessidade do urgente reforço do pessoal com sete médicos (quatro da área da medicina, um deles com Medicina Tropical; um de transfusões, um radiologista, um de ORL); quatro oficiais para as áreas administrativa, logística, de secretariado e de pessoal; cinco sargentos enfermeiros; dez cabos ajudantes de enfermeiro e quatro cabos ajudantes de preparador de radiologia.

Efectivamente, de acordo com os elementos disponíveis no *Relatório Anual de 1962, da 4.ª Repartição (Logística) do QG/RMA*<sup>10</sup>, Capítulo IV – *Serviço de Saúde*, constata-se a seguinte relação de internamentos por cada médico, demonstrativa da escassez de pessoal face ao movimento de doentes (Quadro II).

No mesmo documento, constam outros elementos de produção hospitalar do ano de 1962, nomeadamente:

- Cirurgias realizadas 1693;
- Juntas Hospitalares de Inspeção 896;
- Sangue consumido (c.c.) 123200;
- Medicamentos fornecidos 3.735.633\$00.

E, também, a indicação das doenças de maior incidência na população internada (Quadro III):

Em 1962, faleceram no HML 26 militares: 8 por sequelas de acidente, 7 por sequelas de ferimentos em combate e 11 por outras causas.

Um facto peculiar, decorrente do péssimo grau de saúde oral da população portuguesa, era o elevado número de consultas de estomatologia realizadas no Hospital que justificavam a seguinte referência no Relatório da Missão Médico-Militar a Angola: “O problema estomatológico se não é o mais grave é certamente o mais agudo do S.S. em Angola.”

Esta questão era de tal forma importante que continuou a merecer a atenção das entidades militares e civis do mais elevado nível hierárquico<sup>11</sup> ao longo dos primeiros anos do conflito.

Entre os anos de 1963 e 1967, não foram elaborados Relatórios Anuais de Logística do QG/RMA<sup>12</sup>, não tendo sido encontrados outros documentos sobre a actividade do HML.

Há, sim várias informações, ofícios e despachos sobre os estudos e propostas elaborados para a construção, de raiz, de um Hospital Militar, noutra localização de Luanda, com uma capacidade projectada para 800 camas.

Numa Informação de Dezembro de 1965, da Direcção do Serviço de Obras e Fortificações Militares (DSOFM)<sup>13</sup> faz-se menção a dois locais alternativos para a construção do novo HML:

- um, com 100 hectares, na região de Belas, encostado aos quartéis de Fuzileiros Navais e Bat. Caç. Paraquedistas (preço do terreno: 6.400 contos);
- outro, também com 100 hectares, na mesma região, incluindo uma faixa de terreno entre o Bat. Caç. Paraquedistas e a estrada de ligação a Luanda (preço do terreno: 7.115 contos).

No entanto, e apesar do projecto nunca ter sido abandonado, os encargos que acarretava, estimados em cerca de 250.000 contos, pareciam ultrapassar as disponibilidades orçamentais, quer dos Ministérios do Ultramar e da Defesa Nacional, quer do Governo Geral de Angola<sup>14</sup>, fazendo com que o HML se mantivesse nas instalações que, numa situação de urgência e a título precário, tinham sido cedidas pelo Governo Geral de Angola, em 1961.

A eficiência e qualidade dos cuidados prestados pelo Hospital foram retratadas numa referência elogiosa que o Professor Doutor Arsénio Cordeiro enviou ao Ministro da Defesa Nacional, após ter visitado o Hospital, em 1966, e que assim foram transmitidas pelo Gabinete ministerial: “O Professor Doutor Arsénio Cordeiro regressou há poucos dias de Angola, onde visitou, de entre outras instalações, o Hospital Militar de Luanda.

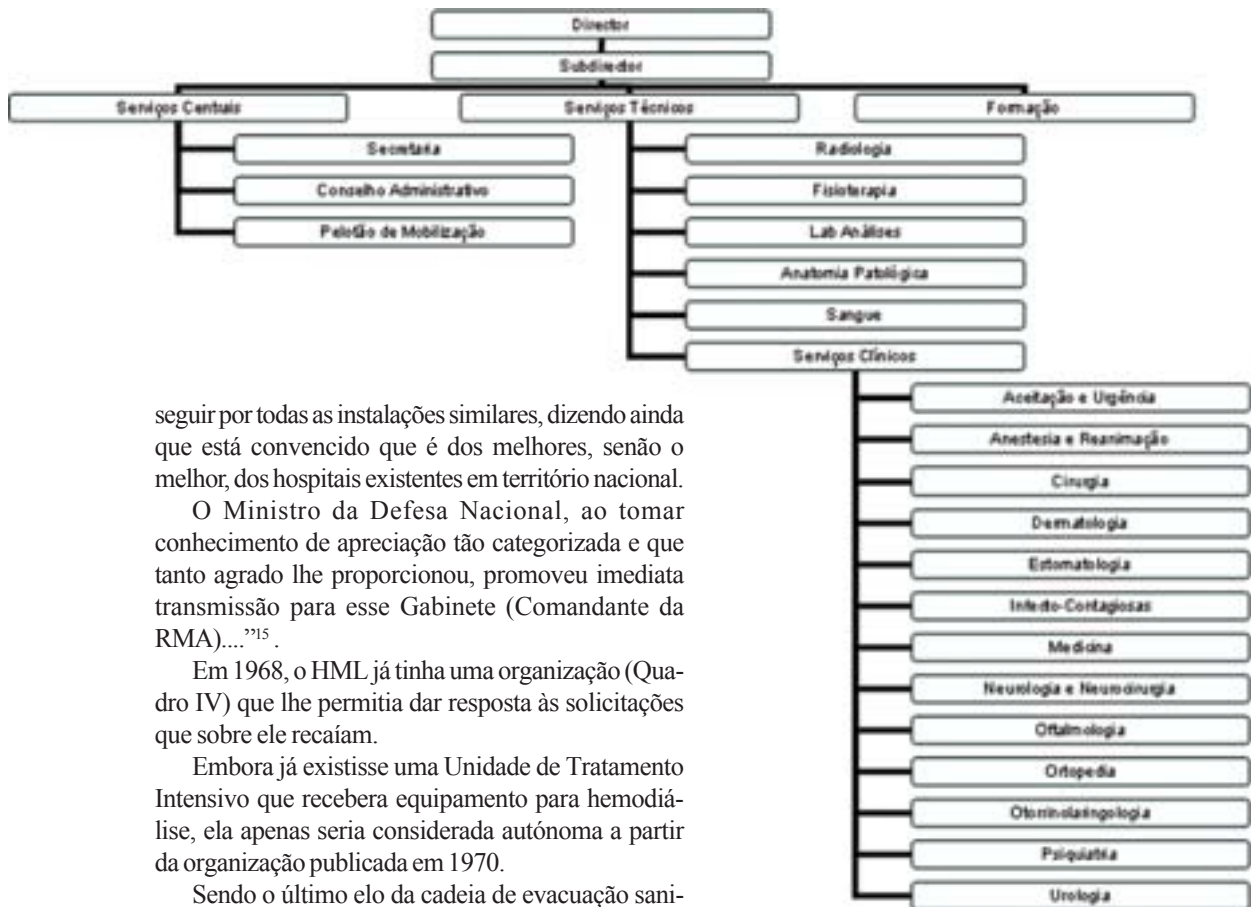
Ficou de tal maneira bem impressionado com tudo



Fotografias cedidas pelo Major-General Fausto de Morais

(De cima para baixo) Visita do Ministro da Defesa H. Sá Viana Rebelo. Visita do Professor Doutor Arsénio Cordeiro, o que teve oportunidade de observar naquele estabelecimento militar, desde a Direcção aos vários serviços, que considerou como imperativo de consciência pessoal e profissional manifestar o seu alto apreço.

Segundo aquele ilustre médico, o referido hospital representa hoje, mercê de uma extraordinária equipa de profissionais de altíssimo valor, um exemplo a



seguir por todas as instalações similares, dizendo ainda que está convencido que é dos melhores, senão o melhor, dos hospitais existentes em território nacional.

O Ministro da Defesa Nacional, ao tomar conhecimento de apreciação tão categorizada e que tanto agrado lhe proporcionou, promoveu imediata transmissão para esse Gabinete (Comandante da RMA)...<sup>15</sup>.

Em 1968, o HML já tinha uma organização (Quadro IV) que lhe permitia dar resposta às solicitações que sobre ele recaíam.

Embora já existisse uma Unidade de Tratamento Intensivo que recebera equipamento para hemodiálise, ela apenas seria considerada autónoma a partir da organização publicada em 1970.

Sendo o último elo da cadeia de evacuação sanitária no território de Angola, o Hospital estava ligado por um heliporto a um sistema de evacuações que dispunha de uma equipa de urgência permanente, composta por médicos e enfermeiros, com equipamento sofisticado. A ligação entre a Força Aérea, as unidades do dispositivo, o Quartel-General e o Hospital Militar era estreita e rápida<sup>16</sup>.

A fama do Hospital resumia-se numa frase que ainda perdura na memória de muitos ex-combatentes em Angola: “estamos salvos se chegarmos com vida ao Hospital Militar de Luanda!”

Em 1970, o HML era já um grande complexo hospitalar, ocupando uma área de cerca de oito hectares, composto por um bloco principal, que tinha sido construído para servir de Maternidade, e diversos anexos.

“No gabinete do director, estava instalado um enorme quadro que abrangia quase toda a sua altura onde estava inscrita a identificação, serviço e cama de todos os doentes internados e cujo estado de saúde era diariamente actualizado, antes da chegada do director. Isto permitia a resposta imediata aos inúmeros pedidos de informação que chegavam ininterruptamente de todos os lados: do QG, da Província e da Metrópole (estes na maioria de familiares ansiosos)”<sup>17</sup>.

## Alguns elementos sobre a actividade desenvolvida antes de 1974

Com um Quadro Orgânico de Pessoal proposto pela RMA, em 1964<sup>18</sup>, que englobava 69 oficiais, 91 sargentos, 425 praças e 78 civis, num total de 663 pessoas, o Hospital nunca conseguiu ter os seus quadros preenchidos, em especial as vagas do pessoal mais diferenciado tecnicamente.

Em 1971 dispunha de 29 médicos militares e 12 civis, num total de 688 pessoas ao serviço, o que, para uma média de doentes internados superior a 600 doentes e um número de consultas da ordem de 100000 por ano, significava um enorme volume de trabalho para todo o pessoal.

Num estudo em elaboração<sup>19</sup>, os autores constataram que cerca de 66% dos militares falecidos por doença no HML foram sujeitos a autópsia, o que aponta para um grau de exigência científica igualmente apreciável.

Apresentam-se três quadros que mostram o número de doentes entrados (Quadro V), doentes existentes em 31 de Dezembro (Quadro VI) e



## Quadros V, VI e VII

Doentes entrados*					
Serviço	1962	1968	1969	1970	1971
Cardiologia	36	12	17	9	7
Cirurgia	1360	1357	1058	1268	1077
Dermatologia/Urologia	212	439	458	312	359
Estomatologia	2	6	10	2	5
Fisioterapia				4	1
Gastro	471	561	531	356	486
Infecto	244	913	912	856	926
Medicina	611	797	689	636	569
Neurologia/Neurocirurgia		377	280	372	322
Oftalmologia	14	113	130	234	222
Ortopedia	806	1192	640	930	861
ORL	133	179	121	216	168
Psiquiatria	229	981	475	498	439
UTI		344	252	256	221
<b>TOTAL</b>	<b>4118</b>	<b>6716</b>	<b>5576</b>	<b>5950</b>	<b>5658</b>

\* Estatísticas Legítimas Anuais de 1962, 1968, 1969, 1970 e 1971, da 4.ª Repartição do Quartel General da Região Militar de Angola. Fonte: Direcção de História e Cultura Militar (DHCM)

Existência de doentes referida a 31 de Dezembro*							
Serviço	1961	1962	1967	1968	1969	1970	1971
Cardiologia	6	3				1	
Cirurgia	59	79	113	118	92	103	
Dermatologia/Urologia	7	8	13	24	31	21	
Estomatologia			2				
Fisioterapia							
Gastro	29	42	49	37	46	36	
Infecto	14	23	35	97	100	65	
Medicina	30	40	50	47	39	41	
Neurologia/Neurocirurgia			32	45	47	29	
Oftalmologia			4	8	10	27	
Ortopedia	41	78	85	113	141	121	
ORL		8	9	5	5	7	
Psiquiatria	18	26	41	47	40	32	
UTI			27	11	7	13	
<b>TOTAL</b>	<b>204</b>	<b>307</b>	<b>509</b>	<b>552</b>	<b>559</b>	<b>495</b>	<b>409</b>

\* Estatísticas Legítimas Anuais de 1961, 1962, 1967, 1968, 1969 e 1971, da 4.ª Repartição do Quartel General da Região Militar de Angola. Fonte: Direcção de História e Cultura Militar (DHCM)

Consultas*					
Serviço	1962	1968	1969	1970	1971
Cardiologia	644	1745	1350	1529	1555
Cirurgia	45289	5999	4659	6130	5792
Dermatologia/Urologia	54432	9724	8432	3742	
Estomatologia	17538	26215	22598	23580	44963
Fisioterapia	1209	4252	3626	5420	4931
Gastro	27777	8845	5892	4467	4870
Infecto					
Medicina	2353	6176	5817	9733	6020
Neurologia/Neurocirurgia		2209	3912	3260	
Oftalmologia	2619	8192	7706	8852	8021
Ortopedia	5985	7296	7114	7636	7315
ORL	2842	6720	5100	4233	6652
Psiquiatria	1998	3298	2412	2017	2085
<b>TOTAL</b>	<b>49151</b>	<b>95898</b>	<b>85277</b>	<b>85746</b>	<b>108703</b>

\* Estatísticas Legítimas Anuais de 1962, 1968, 1969, 1970 e 1971, da 4.ª Repartição do Quartel General da Região Militar de Angola. Fonte: Direcção de História e Cultura Militar (DHCM)  
Tabela a Urologia  
juz a Dermatologia

consultas realizadas (Quadro VII) no HML, nos anos de 1962, 1968, 1969, 1970 e 1971<sup>20</sup>.

## Conclusão

Nas Normas de Execução Permanente, de 1974, da Chefia do Serviço de Saúde do Quartel-General da Região Militar de Angola<sup>21</sup>, consta uma lista dos Directores do HML, de 1961 a 1973, que se transcreve, honrando o seu nome e todos os que serviram sob a sua direcção (Quadro VIII).

Por esta relação, parece que o Hospital terá continuado a ser designado como HM 124 até 23 de Maio de 1963, embora tal não se confirme nos documentos consultados, nomeadamente, nos Relatórios Anuais da 4.ª Rep/QG/RMA ou nos relatórios para a Montagem de Enfermagem Feminina, de Agosto de 1961, e da Missão Médico-Militar a Angola, de Agosto de 1962.

Numa Nota Circular<sup>22</sup> da 3.ª Repartição do Estado-Maior do Exército, de 31 de Maio de 1963, que divulga o Quadro Orgânico do Serviço de Saúde da Região Militar de Angola e inclui o primeiro Quadro Orgânico de Pessoal do, já denominado, Hospital Militar de Luanda, o HM 124 ainda figura como destinatário, juntamente com a Chefia do Serviço de Saúde e o Depósito de Material Sanitário.

Muitos dos profissionais de saúde que prestaram serviço no HML, no cumprimento dos seus deveres militares, vieram a destacar-se na vida nacional, a nível académico e profissional.

Seria fácil e aliciante mencionar alguns. Mas, por cada um a ser lembrado, muitos outros, que se empenharam igualmente no cumprimento do dever seriam esquecidos.

Deixemos, antes, perdurar na nossa memória colectiva que o tratamento dos feridos e doentes foi a causa dos que serviram no HML, merecendo, por isso, o nosso reconhecimento.

Em 1975, o Hospital Militar de Luanda passou para a administração das Forças Armadas da Republica Popular

de Angola, cumprindo um destino que se pode considerar feliz porque, sem interrupções, continuou, como Hospital Militar Principal, a prestar cuidados de saúde ao pessoal das Forças Armadas de Angola e a merecer os comentários, agora no contexto nacional angolano, que, há mais de 40 anos, o ilustre professor de Medicina da Universidade de Lisboa proferiu: “O referido hospital representa hoje, mercê de uma extraordinária equipa de profissionais de altíssimo valor, um exemplo a seguir por todas as instalações similares, .....(estando)

## Quadro VIII

Relação dos Directores do Hospital Militar de Luanda	
<b>Major Médico Alfredo Alexandre Ribeiro de Magalhães</b>	
Destacamento Sanitário 124	de 16 de Abril de 1961 a 31 de Maio de 1961
HML 124	de 1 de Junho de 1961 a 23 de Maio de 1963
HML	de 24 de Maio de 1963 a 15 de Abril de 1964
<b>Major Médico António Pessanha de Oliveira</b>	
HML	de 16 de abril de 1964 a 5 de Abril de 1966
<b>Tenente Coronel Médico Manuel Dâmaso de Andrade e Freitas</b>	
HML	de 6 de Abril de 1966 a 22 de Abril de 1968
<b>Tenente Coronel Médico Victor Gonçalves Gaspar</b>	
HML	de 23 de Abril de 1968 a 15 de Julho de 1970
<b>Tenente Coronel Médico João Sacadura Botte Corte Real</b>	
HML	de 20 de Julho de 1970 a 15 de Abril de 1972
<b>Tenente Coronel Médico Freitas Pinto (interino)</b>	
HML	de 16 de Abril de 1972 a 29 de Março de 1973
<b>Tenente Coronel Médico Anibal José da Silva e Costa</b>	
HML	de 20 de Julho de 1972 a 29 de Março de 1973
<b>Tenente Coronel Médico António Pereira da Costa</b>	
HML	de 30 de Março de 1973 a ...

convencido que é dos melhores, senão o melhor, dos hospitais existentes em território nacional.”<sup>12</sup>

\*Chefe da Direcção dos Serviços de Saúde do Estado-Maior-General das Forças Armadas Angolanas

\*\* Major-General na situação de Reserva

\*\*\*órgão dependente da Presidência do Conselho de Ministros

### Notas:

<sup>1</sup> Sá, Isabel G. Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no Império Português, 1500-1800, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997. <http://handle.net/1822/4311>.

<sup>2</sup> Morais, Fausto Ferreira Reis de: “Como eu vi Angola à beira do desastre (1960-1961)”.

<sup>3</sup> Morais, Fausto Ferreira Reis de: “O Hospital Militar de Luanda em 1971-1973”.

<sup>4</sup> Relatório do Chefe do Serviço de Saúde. Inspeção do Serviço de Saúde/Comando Militar de Angola. Agosto de 1960. Fonte: Arquivo Histórico Militar (AHM).

<sup>5</sup> Informação nº 24/61 da RepGab/EME, de 21Fev61. Fonte: AHM.

<sup>6</sup> Estudo Sumário sobre a Organização do Serviço de Saúde na 3ª RM. Fonte: AHM.

<sup>7</sup> Magalhães, Major Médico Alfredo A. Ribeiro de. Plano para a Organização do Hospital Militar da RMA. 1 de Novembro de 1962. Fonte: AHM.

<sup>8</sup> Campos, Maria Teresa Oliveira Marques Costa. Montagem de Enfermagem Feminina no HML. 12 de Agosto de 1961. Fonte: AHM.

<sup>9</sup> Rodrigues, Cor Med João M. e Silva, Cap Med Francisco F. Rocha da. Missão Médico-Militar a Angola. Agosto de 1962. Fonte: AHM.

<sup>10</sup> Relatório Anual da 4ª Rep/QG/RMA. 1962. Fonte: AHM.

<sup>11</sup> Ofício nº 6061/C, de 4 de Dezembro de 1962, do Chefe



do Estado-MaiorGeneral das Forças Armadas. Fonte: AHM.

<sup>12</sup> Relatório Anual da 4ª Rep/QG/RMA. 1968. Fonte: AHM.

<sup>13</sup> Informação nº 68/65 da 3ª Rep – OU, da DSFOM, de 3 de Dezembro de 1965. Fonte: AHM.

<sup>14</sup> Ofício nº 2144/F/66, Pº 6034/66 e 6182/66, de 30/1/66, do Secretariado-Geral da Defesa Nacional. Fonte: AHM.

<sup>15</sup> Ofício nº 2011/C, Pº E.2.a.4/66, de 17 de Agosto de 1966, do Gabinete do Ministro do Exército. Fonte: AHM.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Morais, Fausto Ferreira Reis de: “O Hospital Militar de Luanda em 1971-1973”.

<sup>18</sup> Quadro Orgânico do Hospital Militar de Luanda. Proposta da Região Militar de Angola de Julho de 1964.

<sup>19</sup> Marques JC Nunes, Capela Carlos e Labandeiro Jorge. Causas de morte por doença de militares portugueses na Guerra Colonial (1961-1975). Trabalho apresentado no XIV Encontro de Saúde Militar da CPLP. Lisboa, Abril de 2009.

<sup>20</sup> Relatórios Logísticos Anuais de 1962, 1968, 1969, 1970 e 1971, da 4ª Repartição do Quartel General da Região Militar de Angola. Fonte: Direcção de História e Cultura Militar (DHCM).

<sup>21</sup> Normas de Execução Permanente, de 1974, da Chefia do Serviço de Saúde do Quartel-General da Região Militar de Angola. Fonte: Arquivos do Hospital Militar Principal/ Instituto Superior. Forças Armadas de Angola.

<sup>22</sup> Nota Circular nº 838/OR, de 31 de Maio de 1963, da 3ª Repartição do Estado-Maior do Exército.